

Corpo, Estética, Exercício e Saúde Coletiva

Tadeu João Ribeiro Baptista*^a,

^aRua C-146, Quadra 400, Lote 06, Casa , Jardim América, Goiânia, GO, Brasil, FEF/UFG, E-mail: tadeujrbaptista@yahoo.com.br

Recebido em 22 07 2013, Aceito para publicação em 29 07 2013, Disponível online dia 29 09 2013.

Resumo

O debate sobre o corpo vem ganhando espaço nos últimos anos, havendo interfaces específicas como a relação com o exercício, sobretudo na Educação Física, com a estética e com a saúde. Por meio do materialismo dialético, este texto pretende discutir, a partir de um estudo bibliográfico, as conexões possíveis entre o corpo, a estética, o exercício e a saúde coletiva em um contexto ampliado.

Palavras-chave: Corpo, Estética, Exercício, Saúde Coletiva

Abstract

The discussion about body come attaining ground in the last years, because there are specifics interfaces with exercise above all in the Physical Education with esthetics and health. Through dialectic materialism this text intends to dicuss from a bibliografic study posible connections between body, esthetics, exercise and collective health in a extended context.

Keywords: Body, Esthetics, Exercise, Collective Health.

Introdução

A discussão proposta para este texto é parte do convite para a participação na IX Jornada de Educação Física da UEG Quirinópolis. Este tema tem relação direta com o Grupo de Pesquisa COEESA – Corpo, Estética, Exercício e Saúde, cadastrado pela Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás – ESEFFEGO, Unidade Universitária de Goiânia da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Este grupo foi criado em 2007 como forma de construir diálogos sobre o corpo, a estética, o exercício e a saúde coletiva e sua origem se justificava, pela necessidade de dialogar com o campo das ciências humanas/sociais e biológicas, pois, esta é uma característica da produção deste autor.

Este grupo atualmente é coordenado pelo Professor João Martins Vieira Neto da ESEFFEGO, mas tem desenvolvido algumas atividades a partir da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás – FEF/UFG, local no qual se tem

ampliado uma série de estudos sobre o tema, em alguns projetos. Um primeiro vem discutindo as concepções de corpo nos anais do CONBRACE de 1997 a 2013. No segundo projeto, a partir do Laboratório de Pesquisas em Ciências Humanas e Naturais Aplicadas à Educação Física – SÍNTESE, com um estudo sobre o uso das ciências humanas e naturais nos espaços de intervenção não escolares. Ambas estão em fase de coleta de dados, havendo, no entanto, alguns dados preliminares divulgados dos dois estudos^{1,2,3}.

Desse modo, o presente texto se propõe a discutir as questões relacionadas ao corpo, a estética, o exercício e a saúde coletiva, tentando traçar uma análise sobre o significado do corpo na sociedade atual em sua relação com a estética. No segundo momento, pretende dialogar com a ampliação do conceito de exercício estreitando um diálogo com a saúde coletiva, campo de conhecimento que tem aproximado o debate com a Educação Física, principalmente quando olhamos para os estudos de autores como Carvalho^{4,5} e Palma^{6,7}.

Materiais e Métodos

O delineamento desse trabalho caracteriza-se por uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, tendo como técnica principal de coleta de dados a análise documental.

De acordo com Medeiros⁸ (2006, p. 54), a “[...] pesquisa bibliográfica busca dar resposta ao problema formulado, a partir da análise de produções de outros autores”. A abordagem qualitativa se apoia nos estudos de Ludke e André (1986)⁹ as quais compreendem esta abordagem como aquela que dá ênfase ao contexto da pesquisa em seus aspectos mais relacionados aos sentidos e significados, considerando que nem sempre a análise quantitativa é capaz de compreender o objeto investigado.

A técnica de coleta de dados fundamenta-se na pesquisa documental a qual é definida como sendo “[...] aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados)” (Pádua, 2004, p. 68)¹⁰. Os documentos analisados foram livros, documentos do Ministério da Saúde e artigos sobre os temas em questão, sendo os artigos acessados em bases de dados como SciELO e LILACS, além de sites do Ministério da Saúde, bem como, de periódicos

como a Revista Pensar a Prática, RBCE, Anais do CONBRACE (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte), entre outras. A discussão e análise dos dados se baseia na análise documental proposta por Bardin (2007)¹¹.

Resultados e Discussão

O debate sobre o corpo, a estética, o exercício e a saúde coletiva vem crescendo a partir de diferentes enfoques e com debates que cruzam geralmente dois ou três destes assuntos, além, evidentemente, de todos os debates que são feitos em cada um destes temas.

Acompanhar a produção do conhecimento de cada um deles é extremamente difícil, havendo, contudo, a necessidade de se estabelecer o diálogo entre todos estes temas. Assim, baseado em textos publicados nas bases de dados mencionadas anteriormente, faremos um debate a partir de dois enfoques iniciais. O primeiro dialogando sobre o corpo e a estética no contexto da sociedade capitalista atual. O segundo, debatendo as interfaces entre o exercício e a saúde coletiva, buscando ampliar o enfoque sobre o tema. Finalmente, na conclusão, faremos as relações necessárias sobre estes temas em suas correlações.

1. O corpo e a estética: análise do contexto atual.

O debate sobre o corpo e a estética apresenta uma produção significativa na bibliografia da educação física brasileira, proporcionando contendas que passam pelos temas dos modelos de corpo^{12, 13, 14}, a percepção da imagem corporal^{15, 16, 17}, entre outros temas que dialogam com professores¹⁸, alunos¹⁹, idosos²⁰. Todas estas alterações são estabelecidas por reflexões, normalmente, pautadas no contexto das ciências humanas e sociais, permitindo discutir o corpo não apenas como um organismo (em sua esfera biológica), mas, acima de tudo como um sujeito histórico e social.

Travar esta discussão é pôr o corpo em seu contexto, compreendendo as suas determinações em um modelo de sociedade, na qual, o ser humano não consegue constituir a sua subjetividade plena^{21, 22}.

Considerar o corpo em sua conjuntura é considerá-lo no atendimento de suas necessidades básicas. Este por sua vez é realizado pelo conjunto da sociedade, uma vez que, um único ser humano é incapaz de gerar todos os elementos necessários à sua existência dentro da circunstância atual. Destarte, o corpo está inexoravelmente submetido à organização social da produção²³, a qual determina a própria vida humana, constituindo desse modo a história.

Quando pensamos sobre a possibilidade de se construir uma história do corpo, podemos refletir sobre as diferentes concepções que atravessaram a trajetória humana, na filosofia, nas ciências humanas e sociais. Desse modo, podemos estabelecer uma síntese desse debate dialogando com as concepções de corpo, as quais se consolidam sempre no enfrentamento do corpo com a alma, com a consciência, com o mundo, com a natureza, ou ainda, em poucas situações com ele mesmo em seu contexto imediato, ou apenas como um objeto de estudos (um corpo sem corpo). Uma demonstração didática desta análise foi formulada por Vilarinho Neto *et al* (2011)¹.

Quadro 1: Debate sobre o corpo com relação a diferentes variáveis.

Categoria	Forma de se Pensar o Corpo
Corpo da Alma	É uma tendência mais clássica da filosofia. Aqui o corpo é sempre comparado com a alma, devido à sua condição de finitude face à infinitude da alma, ou ainda como a sua prisão ou motivo de pecado e de não evolução da alma.
Corpo de Si Mesmo (Corpo Próprio)	O corpo é visto apenas pela sua existência. Dessa forma, ele é tratado como máquina ou como elemento meramente biológico.
Corpo Veículo de Comunicação/Pulsão/Linguagem	O corpo é visto como forma de expressão do inconsciente, mas ao mesmo tempo é o grande veículo de contato com o mundo. É por meio dele que o ser humano se comunica com o outro e modifica a sua relação com o mundo.
Corpo com o Mundo/Natureza	O corpo é visto em relação com o mundo que o cerca ou com a natureza, entendida por sua dimensão histórica e, portanto, vinculada às construções e transformações pelo trabalho e por suas determinações sociais. Muitas vezes, aproxima-se de concepções existenciais, por sua relação com outros seres humanos, constituindo assim a sua subjetividade.
Corpo sem o Corpo/Corpo Pós-Moderno	Aqui o corpo é visto por duas possibilidades. A primeira passa pela perspectiva de que o corpo como algo natural/cultural, manipulável pelos recursos da biotecnologia como a clonagem. Por outro lado, o corpo é uma categoria, um objeto de estudo, pois, o que existe são homens e mulheres e não corpos.

Fonte: Adaptado de Vilarinho Neto, Baptista, Queiroz; Primo (2011).

Ainda que estas categorias do corpo possam ser levantadas, ainda nos remetemos à pergunta feita por Sant'Anna (2001)²⁴. Neste caso, vários autores^{25, 26, 27, 28} conseguiram apresentar possibilidades a esta questão, no entanto, arriscamos identificar

essa possibilidade a partir da lógica do modo de produção²⁹. Consideramos neste caso que o modo de produção e, conseqüentemente, a organização cada momento da história.

Há de se considerar neste aspecto que todas as delimitações são postas pela classe social hegemônica, porquanto, é esta a responsável pela divisão social do trabalho^{22, 30}. Em nosso estudo a respeito da determinação do modelo de corpo no modo de produção capitalista²², pudemos identificar que o modelo de corpo mencionado como forte, magro, sarado, branco, jovem, saudável^{12, 22, 30, 31}, atende a determinados interesses do processo de produção/reprodução/consumo capitalista.

Desse modo, se o corpo é situado no interior das relações de produção, entendendo-o como o detentor da força de trabalho, elemento fundante na conservação da vida humana. Assim sendo, o corpo é uma mercadoria marcada por sua classe social, pois, o capitalismo atribui a tudo valor de troca e, no limite: fetiche²².

O fetiche do corpo se justifica por sua condição de *locus* da força de trabalho³², por isso, ele é o inimigo a ser dominado. Esta necessidade de controle se dá por seu alto valor no modo de produção, haja vista, o fato de o corpo ser, no limite, a “máquina¹” definitiva de expropriação e de obtenção de lucros, pois, de acordo com Marx (2011)³³, o lucro é alcançado por mais-valia fundamentada no trabalho vivo.

Considerando esta análise, o corpo no modo de produção capitalista, para aumentar o seu valor de troca precisa receber os cuidados necessários para atingir as características estabelecidas como sendo adequadas, positivas e necessárias³⁴. Neste cômputo podemos apresentar várias características de saúde e estética, habilidades físicas e intelectuais sempre identificadas com a capacidade de produção das pessoas.

A compreensão de estética estabelecida como referência na sociedade atual (a perspectiva da saúde será tratada posteriormente), demanda ideias divergentes. Por isso, didaticamente, consideramos a definição de estética com base nos estudos que temos feito sobre o tema no nosso grupo de estudos sobre o corpo nos anais do CONBRACE³⁵.

¹ O objetivo aqui não é trabalhar realmente com a ideia de um corpo máquina, até porque, em nossa avaliação, o corpo é e sempre será mais que uma máquina, coisa, ou instrumento qualquer. Neste caso, queremos apenas considerar que, para o capitalismo, o corpo é “apenas isso”: uma máquina para obtenção de lucros.

Nesta pesquisa, procuramos identificar também uma série de compreensões de estética, as quais, classificamos didaticamente e ainda de forma provisória a partir do quadro apresentado abaixo (Quadro 2):

Quadro 2: Diferentes Concepções de Estética, Formas de Pensar e Autores Centrais

Compreensões sobre a Estética		
Concepção	Forma de se Pensar a Estética	Principais Autores
Verdade	Construção coletiva social e histórica o que pode ser elemento de mediação e negação. O objeto permite afirmar e negar a realidade por suas antinomias e contradições	Adorno
Objetividade	Estética como Objetividade do Objeto	Baumgarten
Comunicabilidade	Na relação de comunicação entre os sujeitos acerca da experiência reflexiva	Kant
Liberdade	A liberdade é um elemento fundamental para que um objeto seja considerado belo. Ela é definida pela tensão pessoa-estado. Ambos são elementos constituintes do homem, sendo a pessoa um elemento portador das características naturais, portanto rudimentares da humanidade e, sendo [...] características estas contidas no contexto social. Para Schiller beleza (o belo) e (a) estética chegam a ser sinônimos.	Schiller
Estética Pós-Moderna – A Estética como Fluidez	A Estética parte da comunicação (relacional). O sujeito constrói a consciência para constituir identidades de maneira permanente (sempre recomeçando). Fronteira é diferente da identidade, pois, a fronteira é sempre limiar. Estética é a fluidez dos indivíduos o que só é possível pela comunicação. Estética do Mundo; Estética do Ser (que não existe); A Estética Social determinada pela estética tribal.	Mafesoli
Exteriorização Sensível do espírito	O Belo Artístico é diferente do Belo Natural. O Ideal, considerado o Belo Artístico é fruto do espírito. O belo artístico é histórico e superior ao belo natural. O belo é pautado no ideal que é o equilíbrio entre forma e conteúdo.	Hegel
Ilusão e a construção da relação entre o prazer e o desprazer	Ilusão. Relação da construção entre Apolo (Sonho) e Dionísio (Embriaguez – Sofrimento/Prazer). A arte é a forma do ser humano suportar a vida e a beleza é o tênue equilíbrio entre a forma e o conteúdo	Nietzsche

Fonte: Baptista; Vilarinho Neto, 2011².

O quadro 2, está organizado provisoriamente, ainda a partir de leituras indiretas^{36,37}, uma vez que, o grupo tem se debruçado nos últimos tempos sobre as diferentes análises dos Anais do CONBRACE, demandando neste caso um aprofundamento das questões conceituais relativas à estética.

² Este quadro merece dois comentários. O primeiro que ele apresenta ainda reflexões preliminares e é, portanto, provisório, haja vista, ainda ser fruto de leituras indiretas. Segundo, ele vem sendo construído no processo de pesquisa junto com as Professoras Ana Paula Melo Silva, Carolina Leocádio e Leticia Teixeira e, o professor José Pedro Oliveira Alvarenga.

Porém, ainda que de modo preliminar, gostaríamos de considerar a ideia de estética a partir de duas referências ou elementos centrais:

1. A estética deve ter dada capacidade de sublimação preenchendo todos os sentidos do ser humano e, acima de tudo, estabelecendo a correspondência entre forma e conteúdo³⁸;
2. A estética deve ser entendida dentro da construção histórica e, por isso, entendida no seu contexto social e cultural.

Partindo destas premissas gostaríamos de considerar a estética como um conceito datado na constituição humana. Este conceito construído como sendo o sinônimo do bel (*aisthesis*) e difundido por Baumgarten a partir do século XVII, tem a sua origem, não necessariamente na arte, mas no corpo³⁸. Nesta perspectiva, gostaríamos de demonstrar algumas imagens, retiradas do *website* Google imagens para demonstrar algumas das nossas compreensões.



Figura 1: Virgens da Idade Média
Fonte: Google Imagens



Figura 2: Mulheres no Início do Século XX.
Fonte: Google Imagens

Nas figuras apresentadas acima (Figuras 1 e 2), podemos identificar a ideia da estética a partir da pintura. Nestes dois casos, nitidamente, identificamos modelos femininos de corpos belos femininos com características diferentes. Assim, na figura 1, podemos perceber mulheres (virgens) muito brancas, com cabelos compridos, loiras/ruivas, porém, com uma característica específica: corpos com curvas, arredondados. Neste caso, a ideia de um corpo com percentual de gordura mais elevado

era sinônimo de fartura à mesa (próprio das classes dominantes – senhores), enquanto a escassez devida ao servo, não lhe permitia ter um corpo com estas características – branco e gordo – considerando que os servos pouco tinham a comer e passavam o dia trabalhando no sol.

Por outro lado, no início do século XX, já sob a ordem do capital, apesar de uma moralidade expressa pela contenção, definida pela quantidade de roupas usadas, identificamos um perfil, ligeiramente diferente de corpo: um corpo de mulheres da sociedade que era branco, com cabelos presos (contudo, provavelmente compridos), mas muito magros. A magreza é assim, um atributo de beleza característico da sociedade capitalista, considerando que o corpo reto, pressupõe disciplina, alimentação comedida (sem excessos) e, acima de tudo, retidão de caráter³⁹.

É possível destacar desse modo a condição de estética, enquanto sublimação dos sentidos, pois, ambos padrões provocaram naquele momento, a concepção de uma relação de corpo dada pela perspectiva de uma ocultação/repressão do corpo e do modelo ideal de beleza.

Ao atingir o início do século XXI, temos outros modelos de beleza que se destacam na sociedade atual, um provavelmente chamando mais atenção das mulheres e outro dos homens. Assim, usaremos como exemplo as fotos de Gisele Bündchen e da Mulher Moranguinho (figuras 3 e 4)



Figura 3: Gisele Bündchen
Fonte: Google Imagens

Figura 4: Mulher Moranguinho
Fonte: Google Imagens

Ao confrontar estes modelos comparados com a figura 2, considerando que todas já se põem como corpos educados pelo capital²², apresentamos um padrão diferente norteado pela exposição do corpo. Mas, na perspectiva da teoria crítica, identificamos aqui o modelo da exposição repressão, porquanto não há, na essência diferenças significativas nos modelos apresentados.

Ao olhar para a foto de Gisele Bündchen, identificamos uma mulher branca, magra, com cabelos longos e loiros, olhos claros, nariz afilado e lábios ligeiramente carnudos. Gisele é um dos ícones mundiais da beleza e do sucesso. É considerada sobretudo entre as mulheres como o modelo mundial de beleza a ser seguido, inclusive por sua elegância.

Por outro lado, temos a modelo e dançarina de funk Ellen Cardoso (Mulher Moranguinho), que nesta foto demonstra toda a sua sensualidade. Ellen possui um corpo com mais curvas, o que tende a despertar o desejo sexual dos homens, por isso, é um exemplo do corpo mercadoria da sociedade atual. Todavia, gostaríamos de destacar que apesar de não ser tão magra quanto Giselle, Ellen possui uma barriga reta e definida, cabelos longos (embora negros), lábios ligeiramente carnudos e nariz relativamente afilado (como Bündchen). Apesar de possuir uma pele morena, não é negra (e não demonstra características desta etnia no contexto geral). Assim, Ellen também apresenta um padrão de beleza estabelecido pela sociedade do capital, sendo também um padrão a ser seguido.

Em outras palavras, o que pretendemos demonstrar é que apesar das mudanças no vestuário, na exposição dos corpos e, da aparente diversidade aceita como paradigma da beleza, a sociedade capitalista não alterou o seu padrão de beleza e de corpo ao longo do último século. Mesmo aparentemente saindo da esfera da ocultação para a exibição do corpo, ainda existe implícito a ideia da repressão, da disciplina e da retidão do caráter^{39,40,41}.

Enfim, estes modelos de corpos estão plenamente articulados com a lógica do capitalismo, uma vez que, se enquadram na esfera da produção – são força de trabalho; da reprodução – difundindo valores, normas, e regras sociais disseminados pela indústria cultural e; pelo consumo – divulgam formas, roupas, suplementos e exercícios específicos para se alcançar o padrão de corpo desejado, embora o mesmo seja

inalcançável para a maior parte da população, sobretudo, os oriundos da classe trabalhadora.

Porém, não é só a concepção ou o modelo de corpo e estética que são usados pela sociedade capitalista para exercer a administração da sociedade, a Educação Física, o uso dos exercícios e a relação com a saúde, também contribuem para este processo.

2. Exercício e Saúde Coletiva: ampliando enfoques.

Outros dois componentes a serem analisados neste texto, são os exercícios e a saúde, com ênfase no debate da Saúde Coletiva. Em primeiro lugar, devemos explicar a origem do grupo (COEESA) que dá origem a esta palestra. Quando o grupo foi constituído, a ideia central era e, continua sendo, estabelecer debates sobre as ciências biológicas e sociais aplicadas à Educação Física, embora esta tarefa tenha sido transferida para outro Grupo: o Síntese – Laboratório de Pesquisa em Ciências Humanas e Naturais Aplicadas à Educação Física, um grupo de estudos e pesquisa que está se constituindo, predominantemente entre professores da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás e, que no momento está desenvolvendo uma pesquisa que tem por objetivo, identificar as influências das ciências humanas e naturais na prática profissional de professores de Educação Física que atuam em ambientes não escolares.

Desse modo, voltando ao COEESA, entendíamos naquele momento (2007) que deveríamos nos debruçar sobre o uso sistematizado da atividade física como forma de compreender os possíveis impactos sobre a saúde das pessoas sem desconsiderar as determinações sociais deste processo.

Debater o exercício e a relação com a saúde pressupõe a compreensão dos conceitos subjacentes a esta análise, pois, de outra forma, corremos o risco de confundir definições, fato muito comum na Educação Física por desatenção ou falta de conhecimento.

Assim separamos os termos atividade física e exercício a partir da definição clássica⁴². Segundo os autores:

Atividade Física – Qualquer atividade muscular que implique em gasto energético acima dos níveis de repouso.

Exercício – Qualquer atividade que seja realizada de forma intencional, repetitiva, planejada e regular, procurando atingir certos objetivos (CASPERSEN; POWELL; CHRISTERSON⁴², 1985, p. 126)

Estas duas definições vem sendo usadas por vários autores desde a sua publicação sendo considerada a acepção hegemônica no campo da Educação Física. Autores⁴³⁻⁴⁶ que dialogam com esta vertente tendem a desenvolver algumas ideias centrais. A primeira delas demonstra uma relação direta entre a prática de atividade física (em seu conceito clássico) e a saúde. A segunda análise demonstra o efeito de uma série de atividades que alteram, previnem, reduzem e/ou melhoram as condições cardiovasculares⁴⁷, os níveis de diabetes⁴⁸, obesidade⁴⁶, alguns tipos de câncer⁴⁹, osteoporose⁵⁰, saúde mental⁵¹ entre outros tipos de agravos à saúde humana de crianças, jovens, adultos e idosos.

Destarte, podemos considerar que a relação entre atividade física, exercícios e saúde está bem documentada na literatura, considerando que além destes estudos, seria possível levantar uma série de outras informações de caráter científico desde o início dos anos 1970 para não irmos muito longe. Todavia, apresentamos aqui um problema em questão. Mas afinal, o que estamos denominando saúde nesta relação?

Este debate vem sendo travado há algum tempo, pois, acreditamos que existem várias possibilidades de se definir saúde. Um delas está posta na ideia presente no senso comum de saúde como ausência de doenças. Canguilhem (2005)⁵³ menciona que essa ausência de doenças poderia ser caracterizada pelo silêncio dos órgãos. Este autor também demonstra o conceito apresentado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1946, a qual define saúde como “pleno bem-estar físico, mental e social e não apenas ausência de doenças”. Canguilhem (2005), como outros autores^{54, 55}, faz críticas a esta concepção, porquanto, a mesma é considerada idealista e utópica, considerando o fato de ser praticamente impossível, se alcançar pleno bem-estar.

Por outro lado, Canguilhem (2006)⁵⁶ defende a ideia de a saúde ser a capacidade do organismo de responder às infidelidades do meio. Esta definição é mais coerente considerando a relação do ser humano no ambiente em qual vive. Desse modo, as condições de saúde dependerão não apenas dos componentes biológicos, mas, também das dimensões mentais, espirituais, sociais, econômicas, religiosas de cada pessoa. Assim, sendo, as determinações do processo saúde-doença se ampliam, possibilitando

possivelmente um novo patamar de debate, o qual se põe em uma esfera mais ampla sendo a saúde considerada multifatorial e determinada pelas condições...

[...] de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse de terra e acesso aos serviços de saúde. É assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida.

A saúde não é um conceito abstrato. Define-se no contexto histórico de determinada sociedade e num dado momento de seu desenvolvimento, devendo ser conquistada pela população em suas lutas cotidianas (BRASIL, 1986, p. 4)⁵⁷.

Se a saúde abrange todas estas determinações, depende da conquista das lutas cotidianas e, acima de tudo da organização social da produção, afirmar que existe uma relação direta entre atividade física/exercício e saúde é, no mínimo ingenuidade. As evidências sobre a incapacidade de a atividade física e o exercício promoverem saúde da forma que é anunciada inclusive pela mídia, vem sendo posta em xeque desde o início dos anos 1980. Um dos primeiros autores a questionarem esta relação foi Solomon (1981)⁵⁸, o qual demonstra em seu livro, vários artigos publicados na época revelando não apenas o aumento de lesões provocadas pela prática dos exercícios, como evidenciando uma série de estudos contrários ao aumento da saúde e da longevidade.

Em 1995, outro estudo demonstra por meio do diálogo com as ciências sociais, o “mito” construído em torno desta ideia. De acordo com a autora, a ideia de atividade física como saúde foi sendo constituída a partir dos interesses do capital, trazendo para a população uma transferência de responsabilidades, também apresentada por Quint e Matiello Junior (1999)⁵⁴, caracterizando o que eles denominam de culpabilização da vítima.

Outro problema já identificado na literatura quanto à relação direta entre atividade física e saúde, diz respeito a dois aspectos: de um lado o modelo de pesquisa; o segundo, o questionamento sobre o aumento do nível de saúde em pessoas jovens e aparentemente saudáveis. No primeiro caso Palma, Bagrichevsky e Estevão (2003)⁶⁰ questionam se o modelo de pesquisa positivista realmente consegue estabelecer as relações de causalidade propostas, sendo que o próprio método apresenta uma série de controle de variáveis que são impossíveis na vida cotidiana das pessoas. Este contexto,

além de outras condições presentes na vida das pessoas, acaba provocando problemas no desenvolvimento da validade interna das pesquisas.

Ainda neste aspecto, os autores⁶⁰ demonstram que a hierarquia das pesquisas e a grande dificuldade de adotar nos exercícios pesquisas de coorte e ensaios clínicos verdadeiros, impede a determinação final das relações de causalidade.

O segundo aspecto é levantado por Mira (2003)⁶¹. Este autor questiona se a prática de exercícios realmente pode contribuir para a melhoria de pessoas que já são aparentemente saudáveis, ou seja, como o aumento do consumo de oxigênio, pode ser considerado um ganho na saúde se as condições de higiene desta pessoa já se apresentam nos padrões considerados ideais para o seu sexo e idade? De acordo com o autor não é possível afirmar que existe um ganho adicional. Ademais, o próprio aumento médio da longevidade em até 1,57 anos, só seria possível se a pessoa se exercitasse ao longo de toda a sua vida, o que na realidade, ao menos para alguns sujeitos, este esforço seria um sacrifício enorme, considerando a falta de sentido de algumas práticas.

Assim sendo, a reflexão a respeito do uso dos exercícios exige talvez um desvio conceitual considerando que a ideia de atividade física e exercícios, por se limitar ao contexto biológico, não trazem para muitos indivíduos sentido e significado nesta prática. Por isso, sugere-se o uso de outro termo, o qual, embora polissêmico⁶² por não ter ainda um conceito específico dentro do campo da Educação Física, pode contribuir para este debate: a definição de práticas corporais.

As práticas corporais podem apresentar vários conceitos de acordo com os autores mencionados, apresentando inclusive diferenças conceituais, paradigmáticas e mesmo de compreensão. No entanto, no contexto presente, entendemos que ao pensar a relação das possíveis relações das práticas corporais com um modelo de saúde coletiva, optamos por adotar a definição proposta por Castellani Filho e Carvalho (2006, p. 217)⁶³:

[...] manifestações da cultura corporal de determinado grupo que carregam os significados que as pessoas lhes atribuem, devem contemplar as vivências lúdicas e de organização cultural e operar segundo a lógica do acolhimento, aqui no sentido de estar atento às pessoas, de trabalhar ouvindo seus desejos e necessidades.

Este atendimento dos desejos e, sobretudo, a compreensão dos significados das práticas, o seu caráter lúdico e a organização social, fazem destas práticas que devem ser feitas de maneira sistemática, contudo, em uma perspectiva crítica, atendendo a dois elementos centrais da saúde coletiva: o cuidado e o acolhimento.

No primeiro caso, a compreensão apresentada por Ayres (2004, p. 18)⁶⁴, em relação à “[...] noção de *Cuidado*, uma série de princípios teóricos e práticos que se julgam relevantes para iluminar muitos dos desafios conceituais e práticos para a humanização das práticas de saúde” (Grifo do autor). O cuidado tem relação direta com princípios filosóficos apresentados por autores como Foucault e Heidegger, os quais tratam a necessidade de o ser humano ter capacidade de cuidar de si mesmo, neste caso, especificamente, da própria saúde⁶⁴.

Por outro lado, é fundamental compreendermos a questão do acolhimento nas práticas corporais, sobretudo, aquelas direcionadas à saúde. de acordo com o Ministério da Saúde, o acolhimento deve ser entendido:

Acolher é dar acolhida, admitir, aceitar, dar ouvidos, dar crédito a, agasalhar, receber, atender, admitir (FERREIRA, 1975). O acolhimento como ato ou efeito de acolher expressa, em suas várias definições, uma ação de aproximação, um “estar com” e um “estar perto de”, ou seja, uma atitude de inclusão.

Essa atitude implica, por sua vez, estar em relação com algo ou alguém (Brasil, 2009, p. 6)⁶⁵.

O acolhimento pode ser entendido como uma importante estratégia de adesão à qualquer tipo de projeto terapêutico no campo da saúde, mas, do ponto de vista das práticas corporais, pode contribuir para o desenvolvimento de intervenções na perspectiva da saúde coletiva. A saúde é um campo de conhecimento desenvolvido na América Latina, principalmente no Brasil e tem como foco deslocar a compreensão do processo de saúde-doença do contexto meramente biológico, para a compreensão da saúde no seio das classes sociais (portanto, compreendida dentro da lógica capitalista) a partir das determinações sociais, conforme é destacado por Breilh (2010)⁶⁶.

De acordo com Nunes (1994)⁶⁷, a saúde coletiva pode ser compreendida ainda a partir de três concepções. A primeira como uma corrente de pensamento sobre a saúde e suas determinações. Como movimento social e, no Brasil, este movimento foi responsável pelo desenvolvimento da Reforma Sanitária, a qual culmina com o Capítulo

da Saúde na Constituição de 1988 e, finalmente, com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) e a lei orgânica da Saúde (Lei 8080/90). Por fim, embora não menos importante, como prática teórica, tendo como principais referências desta construção o Centro Brasileiro de Estudos sobre a Saúde (CEBES) e a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). Ambas contribuíram significativamente para o desenvolvimento da organização da saúde pública³ no país.

Por fim, gostaria de apresentar uma última definição a respeito da ideia de promoção da saúde, para demonstrar a sua diferença em relação à prevenção de doenças, defendida por algumas vertentes e teóricos da Educação Física. De maneira resumida, Buss⁶⁸ (2009). Para ele:

A promoção da saúde visa a saúde propriamente dita (...), busca modificar condições de vida, para que sejam dignas e adequadas; aponta para a transformação dos processos individuais de tomada de decisão para que sejam predominantemente favoráveis à qualidade de vida e à saúde; e orienta-se ao conjunto de ações e decisões coletivas que possam favorecer a saúde e a melhoria das condições de bem estar (...). Já a prevenção, diferente da promoção, se orienta mais às ações de detecção, controle e enfraquecimento dos fatores de risco ou fatores causais de grupos de enfermidades ou de uma enfermidade específica; seu foco é a doença e os mecanismos para atacá-la mediante o impacto sobre os fatores mais íntimos que a geram ou precipitam (BUSS, 2009, p. 37)

A partir da proposta desse autor, pretende-se demonstrar o fato de mesmo o uso do termo práticas corporais é insuficiente para promover a saúde, considerando que esta busca modificar condições de vida, situações estas, impossíveis de serem transformadas por qualquer tipo de prática corporal, por mais que as mesmas apresentem sentidos e significados para o grupo ou comunidade. Ademais, complementa o autor.

Boa parte da confusão entre promoção e prevenção advém da grande ênfase em modificações de comportamento individual e do foco quase exclusivo na redução de fatores de risco de determinadas doenças, vigentes em certos programas intitulados de promoção da saúde. Este foco sobre o indivíduo e seu comportamento tem sua origem na tradição de intervenção clínica e no modelo biomédico. Nesse caso, o *locus* de responsabilidade e a unidade de análise são o indivíduo, que é visto como responsável último (senão único) por seu estado de saúde. Já a promoção da saúde apresenta-se como uma estratégia de mediação entre as pessoas e seu ambiente, combinando escolhas

³ Apesar de parecerem coincidentes, é importante não confundir a Saúde Coletiva dentro deste triplo aspecto, com a noção de saúde pública, como sendo uma ciência e arte de evitar doenças, prolongar a vida e aprimorar as condições de vida dos indivíduos e da comunidade.

individuais com responsabilidade social pela saúde (as chamadas políticas públicas saudáveis). Nesse sentido, as estratégias de promoção da saúde são mais integradas e intersetoriais, bem como supõem uma efetiva participação da população desde sua formulação até sua implementação (BUSS, 2009, p. 38)⁶⁸.

Considerando então a necessidade de se ponderar sobre a ideia de políticas públicas mais amplas para o desenvolvimento do processo de promoção da saúde é que apresentamos as nossas considerações finais.

Considerações Finais Ou da Relação entre Corpo, Estética, Exercício e Saúde Coletiva.

Ao caminhar para o final deste texto, gostaria de tecer algumas considerações com o objetivo de amarrar alguns aspectos considerados centrais. Em primeiro lugar, é preciso dizer da necessidade de a Educação Física avançar na sua reflexão sobre o corpo, pois, do ponto de vista empírico e mesmo em alguns estudos, é possível identificar^{18,19}, uma compreensão ainda limitada a respeito do que seja o corpo. Muitas vezes, esta compreensão ainda se manifesta como uma máquina.

Este corpo máquina também é visto apenas por seu exterior. Assim sendo, a estética não assume a sua condição de sublimação e nem é vista dentro do seu contexto histórico. Nessa perspectiva, a estética do corpo é vista apenas pela sua forma e não pelo seu conteúdo, fazendo com que, do ponto de vista social, o corpo seja visto como um objeto, externo ao ser humano e também como um componente a-histórico.

Em contrapartida defendemos o corpo como esfera material/espiritual do ser humano, bem como, refletimos sobre ele como corpo da consciência/consciência do corpo²². Isso significa para o corpo a compreensão de sua totalidade e contradição, do seu presente e de sua historicidade, da compreensão de um desenvolvimento.

Por compreender o corpo nesta perspectiva, entendemos na atualidade a incapacidade de os conceitos de atividade física e exercício conseguirem atender as demandas de uma sociedade autônoma e emancipada. A consideração meramente biológica destes conceitos esvazia e desrespeita a dimensão cultural e, portanto, a inserção do corpo nas condições de trabalho, entendido aqui como a relação entre homem e natureza³³. Nesta relação, através da corporalidade humana, transforma a

natureza e ao mesmo tempo transforma-se o corpo da consciência e a consciência do corpo.

Por isso, defendemos o desvio conceitual para práticas corporais, porquanto, ainda que ela não permita construir e promover a saúde proposta por Buss (2009)⁶⁸, o uso desta definição possibilita a aproximação do ser humano consigo, condição sem a qual, ele não alcança a integridade necessária ao rompimento da alienação e reificação, por serem elas uma causa fundamental no desenvolvimento de uma série de agravos à saúde humana.

Finalmente, o corpo – expressão material/espiritual do ser humano só pode aprimorar a sua saúde no contexto da saúde coletiva. Na compreensão do processo saúde-doença como estabelecido pelas determinações sociais apontadas por Breilh (2010)⁶⁶. Desse modo, só poderemos contribuir para o desenvolvimento da saúde do corpo, quando as condições de vida alcançar as qualidades necessárias à dignidade humana.

Referências

- (1) Vilarinho Neto S *et al.* A Produção Sobre Corpo, saúde e estética: primeiras aproximações sobre os anais do CONBRACE (1997-2009). In: XVII CONBRACE/ IV CONICE, 2011, Porto Alegre. Ciência & Compromisso Social: Implicações na/da Educação Física e Ciências do Esporte. Porto Alegre: CBCE, 2011. p. 1-15.
- (2) Baptista TJR *et al.* Perspectivas Epistemológicas Da Produção Do Conhecimento Sobre Corpo Nos Gtts Memória, Cultura E Corpo (1999, 2003) E Corpo E Cultura (2011). In: XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, V Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2013, Brasília. XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, V Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Porto Alegre: CBCE, 2013.
- (3) Baptista TJR, Martinez JFN, Carneiro JA, Campos MH, Antunes PC, Neves RLR. Práticas corporais e SUS: tensões teóricas e práticas. In: Carvalho YM, Fraga AB, Gomes IM. As práticas corporais no campo da saúde. s.l., s.n., 2013, p. 139-177 (*no prelo*).
- (4) Carvalho YM. Práticas corporais e comunidade: um projeto de Educação Física no Centro de Saúde Escola Samuel B. Pessoa (Universidade de São Paulo). In: Fraga AB. Educação Física e Saúde Coletiva. 2a. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007, p. 63-72.

- (5) Carvalho YM. Entre o biológico e o social. Tensões no debate teórico acerca da saúde na educação física. *Motrivivência*. XVII (24): 97-105, jun./2005.
- (6) Palma A, Vilaça MM. O Sedentarismo da epidemiologia. *Movimento, Rev. Bras. de Ciências do Esporte, Campinas*, 31(2): 105-19, jan. 2010.
- (7) Palma A, Ferreira DC, Bagrichevsky M, Resende HG. Dimensões epidemiológicas associativas entre indicadores socioeconômicos de vida e prática de exercício. *Rev. Bras. de Ciências do Esporte, Campinas*, 27(3): 119-36, mai. 2006.
- (8) Medeiros M. *Metodologia da Pesquisa na iniciação científica*. Goiânia: E. V., 2006.
- (9) Ludke M, André MEDA. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.
- (10) Pádua EMM. *de. Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática*. 10. ed. rev. e atual. Campinas: Papyrus, 2004.
- (11) Bardin L. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- (12) Ferreira MEC, Castro APA, Gomes G. A obsessão masculina sobre o corpo: malhado, forte, sarado. *Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas*, 27(1): 167-182, set. 2005.
- (13) Guzzo M. Riscos da beleza e desejos de um corpo arquitetado. *Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas*, 27(1): 139-152, set. 2005.
- (14) Hansen R, Vaz AF. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. *Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas*, 26(1): 135-152, set. 2004.
- (15) Vilhena LM, Santos TM, Palma, A, Mourão, L. Avaliação da imagem corporal em professores de educação física atuantes no fitness na cidade do Rio de Janeiro. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis*, v. 34, n. 2, p. 449-464, abr./jun. 2012.
- (16) Salvivi L, Myskiw M. As manipulações do corpo na representação social de alunas nas aulas de educação física. *Pensar a Prática* 12/3: 1-11, set./dez. 2009.
- (17) Damasceno VO, Vianna VRA, Vianna JM, Lacio M, Lima JRP, Novaes JS. Imagem corporal e corpo ideal. *R. bras. Ci e Mov*, 14(1): 87-96, 2006.
- (18) Freitas DC, Silva FAG, Silva AC, Lüdorf, SMA. As práticas corporais nas academias de ginástica: um olhar dos professores sobre o corpo fluminense. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis*, v. 33, n. 4, p. 959-974, out./dez. 2011.
- (19) Lüdorf, SMA. A prática pedagógica dos professores de educação física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores universitários. *Pensar a Prática* 8/2: 243-255, Jul./Dez. 2005.
- (20) Damico JGS, Santos FC. O mal-estar na velhice como construção social. *Pensar a Prática* 12/1: 1-9, jan./abr. 2009.
- (21) Resende ACA. *Para a crítica da subjetividade reificada*. Goiânia: Editora UFG, 2009.

- (22) Baptista, TJR. O corpo na sociedade do capital. Curitiba: Appris, 2013.
- (23) Marx K, Engels F. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- (24) Sant'Anna D. É possível construir uma história do corpo? In: Soares CL. (Org.). Corpo e história. Campinas: Autores Associados, 2001.
- (25) Soares CL. (Org.). Corpo e história. Campinas: Autores Associados, 2001.
- (26) Corbin A, Courtine JJ, Vigarello G. História do Corpo: da renascença às luzes. Petrópolis: Vozes, 2008, v. 1.
- (27) Del Priori M, Amantino M (Orgs.). História do corpo no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- (28) Pacheco Neto M. Motricidade e Corporeidade no Brasil Colonial: Bandeirantes, Índios e Jesuítas. Dourados: Seriemá, 2008.
- (29) Baptista TJR. Corpo, Trabalho e Educação Física: uma construção histórica. II Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte, 2006, Goiânia. Anais ... Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2006. p. 01-09. Marx K. Formações econômicas pré-capitalistas. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- (30) Goellner SV. A Produção de corpos hígidos: atividade física, saúde e nacionalismo no Brasil no início do século 20. In: GRANDO, B. S. (Org.). Corpo, educação e cultura: práticas sociais e maneiras de ser. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2009, p.75-92
- (31) Hasse M. Branca, limpa e alinhada: a ressignificação da natureza no processo de transformação do corpo feminino (1938-1972). In: GRANDO, B. S. (Org.). Corpo, educação e cultura: práticas sociais e maneiras de ser. Ijuí: Ed. Da Unijuí, 2009, p.53-73.
- (32) Baptista TJR. Reflexões sobre o corpo e o trabalho na educação física. Praxia, 1(1):5-20, 2013. Disponível em: <http://www.prp.ueg.br/revista/index.php/praxia>. Acesso em: 04mar2013.
- (33) Marx, Karl. O Capital: crítica da economia política. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, livro 1, v. 1.
- (34) Baptista TJR. Trabalho, trabalho assalariado, alienação e reificação: contribuições para a reflexão sobre o corpo no capitalismo. Goyases: revista de ciências humanas da FAFICH.1(3): 79-97, jan./jul., 2009.
- (35) Baptista TJR, Vilarinho Neto S. A educação expressa nas concepções de corpo, saúde e estética: a produção do conhecimento do GTT corpo e cultura nos anais do CONBRACE (1997-2009) e implicações para a formação de professores de educação física. Projeto de pesquisa, Goiânia, UFG, 2011.
- (36) Santos Filho AS. O problema do belo na estética Schilleriana. Revista Tucunduba, Pará, 1(1), 2010. Disponível em <http://www.revistaeletronica.ufpa.br/index.php/tucunduba/article/viewArticle/21>. Acesso em 09/11/2011.
- (37) Greuel MV. Da "teoria do belo" a "estética dos sentidos": reflexões sobre Platão e Friedrich Schiller. Anuário de Literatura, Santa Catarina, n.3, 1995.

- (38) Eagleton T. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- (39) Soares CL. Imagens da retidão: a ginástica e a educação do corpo. In: Carvalho YM, Rúbio K. Educação física e ciências humanas. São Paulo: Hucitec, 2001.
- (40) Baptista TJR. O Poder sobre o corpo: notas sobre as políticas desenvolvidas a partir do século XVII. Estudos (UCGO. Impresso), Goiânia, 32 (3): 407-431, 2005.
- (41) Baptista TJR, Araújo DR, Brito JC. Belíssima ou Beleza Pura: Novela e Modelo de Beleza Feminina. Revista Estudos (On Line), 36(9/10):1073-89, 2009.
- (42) Caspersen, CJ, Powell KE, Christerson GM. Physical Activity, Exercise and Physical Fitness: Definitions and Distinctions for Health-Related Research. Public Health Reports. 100(2): 126-131, 1985.
- (43) Guedes DP. Abordagens quanto às Relações atividade física, aptidão física e saúde. In: Moreira WW, Simões R. Fenômeno Esportivo no Início de um Novo Milênio. Piracicaba, UNIMEP, 2000, pp. 123-35.
- (44) Guedes DP et al. Atividade Física habitual e aptidão física relacionada à saúde em adolescentes. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Brasília, 10 (1): 13-21, jan. 2002.
- (45) Ding D et al. Perceived neighborhood environment and physical activity in 11 countries: Do associations differ by country? International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity 2013, 10:57. Disponível em: <http://www.ijbnpa.org/content/10/1/57>. Acesso em: 29 Ago 2013.
- (46) Ferrari GLM et al. Changes in adiposity levels in schoolchildren according to nutritional status: analysis over a 30-year period. Rev. bras. cineantropom. desempenho hum.[online], 15 (4): 405-416,2013.
- (47) Ferrari GLM et al. Cardiorespiratory fitness and nutritional status of schoolchildren: 30-year evolution. J Pediatr (Rio J). 89(4):366-373, 2013.
- (48) Reis Filho et al. Efeito de 12 semanas de hidroginástica sobre a glicemia capilar em portadores de diabetes *mellitus* tipo II. Rev Bras Ativ Fis e Saúde Pelotas/RS, 17(4):252-257, Ago/2012.
- (49) Blanchard CM et al. A comparison of physical activity of posttreatment breast cancer survivors and noncancer controls. Behav Med. 28: 140-9, 2003.
- (50) Szejnfeld VL. Osteoporose: diagnóstico e tratamento. São Paulo: Saraiva, 2000.
- (51) Matsudo SM, Matsudo VKR, Barros Neto TL. Efeitos benéficos da atividade física na aptidão física e saúde mental durante o processo de envelhecimento. Rev Bras Ativ Fís e Saúde, 5(2):60-76, 2000.
- (52) Cooper KH. Aptidão física em qualquer idade: exercícios aeróbicos. 5. ed. Rio de Janeiro: Fórum, 1972.
- (53) Canguilhem G. Escritos sobre Medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

- (54) Quint FO, Matiello Júnior E. O Gosto amargo do exercício como remédio nas pedagogias do medo e da culpa. In: XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Florianópolis, 2009. Anais... Ijuí: SEDIGRAF, 3:867-872, 1999.
- (55) Baptista TJR. Atividade Física como Saúde: reflexões sobre conceitos e utilizações. Estudos (UCGO. Impresso), Goiânia, 31(01): 89-114, 2004.
- (56) Canguilhem G. O Normal e o Patológico. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- (57) BRASIL. Ministério da Saúde. Relatório Final da 8ª Conferência Nacional de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 1986.
- (58) Solomon HA. O Mito do Exercício. São Paulo: Summus, 1991.
- (59) Carvalho YM. O “Mito” da Atividade Física e Saúde. São Paulo: Hucitec, 1995.
- (60) Palma A, Bagrichevsky M, Estevão A. Análise sobre os limites da inferência causal no contexto investigativo sobre “exercício físico e saúde” –In: Bagrichevsky M, Palma A, Estevão A. (Orgs.). A Saúde em debate na educação física. Blumenau: Edibes, 2003, p. 169-191, v. 1.
- (61) Mira CAM. Exercício Físico e Saúde: da crítica prudente. In: Bagrichevsky M, Palma A, Estevão A. (Orgs.). A Saúde em debate na educação física. Blumenau: Edibes, 2003, p. 33-51, v. 1.
- (62) Lazzarotti Filho A et al. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. Movimento, 16(1): 11-29, 2010.
- (63) Castellani Filho L, Carvalho YM. . Ressignificando o Esporte e o Lazer nas Relações com a Saúde. In: Castro A, Malo M. (Org.). SUS: resignificando a Promoção da Saúde. São Paulo: OPAS/HUCITEC, 01, 2006, p. 208-222.
- (64) Ayres JRCM. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. Saúde e Sociedade, 13(3):16-29, set-dez 2004.
- (65) Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Acolhimento nas práticas de produção de saúde. 2ª ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2009.
- (66) Breilh J. Las tres ‘S’ de la determinación de la vida: 10 tesis hacia una visión crítica de la determinación social de la vida y la salud. In: Nogueira RP. (Org.). Determinação social da saúde e reforma sanitária. Rio de Janeiro: Cebes, 2010, p. 87-125.
- (67) Nunes ED. Saúde Coletiva: história de uma ideia e de um conceito. Saúde e Sociedade, 3(2):5-21, 1994.
- (68) Buss PM. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde. In: Czeresnia D, Freitas CM. Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.